

Entrevista a Mariana Castro:

“É entusiasmante olhar para uma boa fotografia, contamina-nos a vida”

Mariana Castro licenciou-se em cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema e é mestre em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Contudo, dificilmente haverá maior constante na sua vida que a fotografia. Olhar para o já muito significativo conjunto da obra desta jovem fotógrafa é dar conta de uma indagação constante sobre a arte do retrato, que tem em “corpo” e “cena” duas das suas palavras-chave.

Mariana Castro ganhou importantes prémios, destacando-se mais recentemente o 1.º Prémio de Fotografia NOVA 2014, e realizou algumas exposições das suas fotografias, sendo a mais recente EXT INT, que esteve patente na Galeria Germinal (12-03-2017 a 25-03-2017), pensada e concebida com o seu *compagnon de route*, também fotógrafo e cineasta, Sílvio Santana e com curadoria de Sabrina D. Marques.



O que molda o teu olhar enquanto fotógrafa?

Olha, acho que há assim um “sem número” de coisas que entram em acção quando nos propomos a fazer uma fotografia. Acho que é precisamente isso que me interessa quando fotógrafo: a pergunta do que é que me leva a fazer esta ou aquela imagem. Mas o que “molda” esse olhar, essa proposta com que arrancamos? É talvez quando, imediatamente depois do “ter de fazer” a imagem, me apercebo de como isto ou aquilo

no que vejo me faz lembrar uma cena de um filme, um set de luz primorosamente bem construído, uma fotografia de um outro autor que me dá a conhecer coisas que não teria visto antes desse momento, ou uma cena da própria vida a ressoar entre essas imagens todas.



Class Ballet

Apercebo-me no teu trabalho de uma proximidade com alguns fotógrafos que sei que admiras, nomeadamente Edward Weston ou Nan Goldin. Como transformar em inspiração a relação com o trabalho dos outros, por forma a que esta não resulte em “mera colagem” ou numa “repetição do que já foi feito”?

Confesso que não me sinto próxima de uma Nan Goldin, a não ser talvez nessa exploração da auto-representação pela fotografia, mas bem, isso atravessa o trabalho de tantos outros... Por vezes admiramos o trabalho de alguns autores do qual não quereríamos nunca aproximarmo-nos. Não há colagens que resultem bem, as imagens “falam” demasiado do que têm lá dentro, pode haver é um elogio a outros autores, uma paixão pelo que os outros nos deram a ver e que, a estar lá, surge primeiro ingénuo e depois é que reconheço como eco desta ou daquela visão.

É verdadeiramente entusiasmante olhar para uma boa fotografia, contamina-nos a vida, passamos a ver o mundo de forma diferente, nem que seja durante uns minutos, mas quando pegamos na câmara não é isso que te move, é antes o que está a acontecer no teu eixo de relações e só isso, por mais contaminado que seja o teu olhar, só com essas relações é que podes captar uma imagem que te faça sentir alguma coisa. E outras vezes captas imagens para não sentir coisa nenhuma, para te distanciar.



Edward Weston, Nude Floating 1939



Fotografia de Mariana Castro inspirada em Edward Weston

Olho para o conjunto da tua obra e algumas palavras passam-me pelo espírito. As duas principais são “corpo” e “cena”. Reconheces-te nestas palavras?

Sim, completamente. Posso dizer-te que algumas das séries fotográficas que tenho vindo a fazer são acompanhadas por gravações em vídeo que funcionam como uma espécie de *making of*, onde estou interessada em ver e trabalhar o gesto e o movimento que leva o corpo à imagem dele. O que me interessa quase sempre é a escolha do gesto, do que se constrói com ele e como ele opera na linguagem. Algo que é óbvio para o cinema e que não é menos óbvio para a imagem da fotografia. É isso que acontece por exemplo na série *Unbody* e também na *Unduo*, que são mais gráficas por causa desse isolar do corpo, quase sem cena, mas onde já se subentende que haja uma espécie de dança fixada pelas imagens.



Unbody #1



Unduo



Unbody series tests (from video stills)

Por outro lado, nas imagens que escolho fazer está cada vez mais a ideia de um cinema imobilizado, e essas são imagens em que a cena surge também através de um trabalho de equipa em conjunto com o Sílvio [Santana], onde é preciso criar *décors*, fazer iluminação, acertar exposições e dirigir quem “está em cena”. É o caso de *Interiors*,

cenas construídas a partir de premissas reais mas que, uma vez deslocadas, nos devolvem facilmente o *still* do cinema, ou o quadro da pintura.



Interiors

Encontro nos teus retratos uma preocupação em estabelecer pela câmara uma qualquer forma de relacionamento – um profundo intimismo por vezes – com quem tu fotografas. Que desafios procuras na arte do retrato?

Acho que o que gosto mesmo é de conhecer pessoas, querer fotografá-las é uma consequência disso. E é talvez por isso que gosto dessa relação de proximidade com quem fotografo. Talvez porque tenha consciência de que a objectiva da câmara irá produzir uma imagem “falsa”, uma espécie de imagem alternativa do real, procure aproximar-me o mais possível daquilo que pode representar algo de quem está diante dela. Nem sempre isso é possível, quando se tem pouco tempo para conhecer as pessoas faz-se um esforço para criar um ambiente que permita uma espécie de diálogo mudo. Às vezes, peço coisas inusitadas aos retratados porque sei que haverá nisso uma imagem que antevi e que dará o mote para a sessão.



Retrato de Aleks Miśkiewicz



Retrato de Georges Didi-Huberman

A exposição EXT INT – que inclui seis fotografias, tuas e do Sílvio Santana, que estiveram patentes na Galeria Germinal – coloca-se, parafraseando o texto de apresentação da Elisabete Marques, na “soleira da porta”, entre o exterior e o interior. São duas tendências na tua obra ou há uma que se sobrepõe à outra?

Tendencialmente estarei sempre a trabalhar o interior, o isolamento da figura em cena, o fechamento do homem e da mulher no corpo e os interiores todos, os verdadeiros e os virtuais, que cada figura cria para si mesma. Mas neste trabalho com o Sílvio, parti desse lado interior para rapidamente estarmos os dois nessa “soleira” que a Elisabete viu ali presente. Nem fora nem dentro do espaço, acho que ficámos à porta de casa a observar. Mas o EXT INT é também um esboço sobre uma procura nossa constante, de encontrar algo realmente vivo “pelo caminho da viagem”.



Extint

[Luís Mendonça](#), 17 de Abril de 2017

Disponível na Internet:

- <https://www.ipflinhadotempo.pt/pdf/2017-entrevistamarianacastro.pdf>